

RECEPÇÃO DE FREUD NA FILOSOFIA DE HERBERT MARCUSE¹

Rafael Cordeiro Silva(IFU)²

rcsilva@ufu.br

RESUMO: O objetivo do artigo é explicitar as formas da apropriação marcuseana do pensamento de Freud. Para tanto, divido-o em quatro tópicos que correspondem ao que sustento ser a relação de Marcuse com a psicanálise. Essa relação se dá a partir da seguinte articulação: 1) apresenta-se como a defesa intransigente da ortodoxia freudiana contra as pretensões revisionistas; 2) fornece os elementos para a teoria marcuseana da sociedade; 3) a psicanálise apresenta conceitos que permitem uma crítica da sociedade e de sua cultura; 4) é evocada para discutir ecologia e a defesa radical do meio ambiente. Os tópicos 1 e 2 acima compõem o diálogo de Marcuse com Freud na segunda metade da década de 1950. O tópico 2 é específico de seu pensamento. O tópico 3 é desenvolvido em um texto datado de 1963. Há, ainda, um único texto em que Marcuse vai a Freud para falar sobre a necessidade de uma política ecológica e radical. Ele está discutido na seção 4. Marcuse é o único dentre os filósofos ligados ao Instituto de Pesquisa Social a falar explicitamente sobre a ecologia, ainda que tenha sido em textos isolados. Este que relaciona Freud e ecologia foi um dos últimos do autor e data de 1977. É essa associação de Freud com a ecologia reforça o caráter específico de seu pensamento em relação aos demais autores da Teoria Crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Marcuse, Freud, Teoria Crítica, teoria da mudança social, ecologia radical

INTRODUÇÃO

A Teoria Crítica, produzida pelos membros do Instituto de

¹ Recebido: 20-11-2017/ Aceito: 15-05-2018/ Publicado on-line: 15-08-2019..

²Rafael Cordeiro Silva é Professor Associado do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.

Pesquisa Social de Frankfurt, estabeleceu ligações teóricas com vários pensadores e tendências de pensamento do mundo intelectual contemporâneo, para, por um lado, atender ao propósito de ser uma interpretação sobre o desenvolvimento das sociedades ocidentais contemporâneas e, por outro, apresentar perspectivas teórico-práticas para a transformação social. Dos laços intelectuais estabelecidos pelos seus integrantes destacam-se Marx e Freud, o que os levou a serem reconhecidos no mundo acadêmico como pensadores freudo-marxistas.

Seria confuso denominar essa corrente de pensamento como Escola de Frankfurt, porque isso remete à suposição de que se trata de um bloco monolítico de ideias comuns a todos os seus mais significativos representantes, além de poder levar à inferência de que a relação com Freud mantida pelos integrantes do grupo tenha sido a mesma e constante ao longo dos anos. Se há alguma coincidência de intenções ou posições teóricas entre Marcuse e os demais integrantes do Instituto, ela pode ser buscada mais na intenção do que propriamente na posição teórica. O elo que os liga é a perspectiva da transformação social. Ao apresentar seu projeto teórico-prático de supressão das relações de dominação estabelecidas, *Eros e civilização*, obra de sua maturidade intelectual em que Freud figura como principal interlocutor, Marcuse parte de pressupostos diferentes daqueles que deram sustentação à primeira Teoria Crítica de Max Horkheimer, o chamado Materialismo Interdisciplinar. E na ocasião em que *Eros e civilização* foi publicado (1955), Horkheimer há muito se distanciara de sua perspectiva teórica inicial e partilhava com Adorno a crítica ao esclarecimento, apresentada na magistral *Dialética do esclarecimento*. E a *Dialética* está distante dos primeiros es-

critos de Horkheimer, em que a “teoria correta do momento atual”³ esteve orientada para a práxis emancipatória.

Não obstante a declaração de Marcuse de filiação às posições teóricas sustentadas pelo Instituto de Pesquisa Social, apresentada no prefácio de seu livro *Eros e civilização* o que se pode perceber é a especificidade de sua relação com a psicanálise freudiana. Sustentarei que essa relação específica se dá a partir de quatro eixos: 1) ela aparece como a defesa intransigente da ortodoxia freudiana contra as pretensões revisionistas; 2) fornece os elementos para a crítica da cultura, ou seja, a situação do indivíduo e das relações estabelecidas nas sociedades industriais avançadas; 3) é o fundamento para seu projeto teórico emancipatório e 4) é evocada para discutir ecologia e a defesa radical do meio ambiente. O terceiro e o quarto eixos são características específicas do pensamento de Marcuse e não foram exploradas pelos outros autores ligados ao Instituto de Pesquisa Social.

1. A DEFESA DA ORTODOXIA E A CRÍTICA DO REVISIONISMO NEOFREUDIANO

A interlocução de Marcuse com Freud se dá efetivamente a partir de 1955 e acompanha o filósofo até a segunda metade da década de 1970, pouco tempo antes de sua morte.

³ Horkheimer não deu a seu projeto o nome de Materialismo Interdisciplinar. Nos primeiros escritos aparecem as denominações “teoria da sociedade” “teoria correta do momento atual”, “teoria correta da sociedade”, “teoria materialista da dependência do ideal”. Apenas em 1937 surge a designação “teoria crítica da sociedade”, mas a perspectiva teórica apresentada está fortemente influenciada por Marx e a psicanálise não tem o papel central que Marcuse lhe atribuiria posteriormente. A denominação Materialismo Interdisciplinar foi cunhada posteriormente por comentaristas.

Antes disso, há poucas referências à psicanálise.⁴

Em 1955, dois escritos sobre a psicanálise quase simultâneos vêm a lume. São respectivamente o livro *Eros e civilização* e o opúsculo intitulado “Crítica do revisionismo neofreudiano”. Embora tratem de assuntos e perspectivas diferentes, o segundo foi colocado como epílogo do primeiro. Poderia, na verdade, até mesmo anteceder o livro, visto que a perspectiva sob a qual o freudismo aparece é a de sua incondicional defesa contra os revisionismos em voga nas décadas de 1940 e 1950 nos Estados Unidos. Trata-se de uma defesa da ortodoxia freudiana, porque Marcuse entende que a psicanálise contém, não obstante algumas de suas ambiguidades, a crítica radical à sociedade repressiva. Poderia igualmente anteceder *Eros e civilização* porque o conteúdo tratado nesse epílogo é, na verdade, um “epílogo” ao artigo de Adorno “Ciência social e as tendências sociológicas na psicanálise”, de 1946.⁵

O texto de Adorno é uma crítica ao escrito “As limitações sociais da teoria psicanalítica”, de Fromm e ao livro

⁴ Cf., por exemplo, “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”, de 1941, em que aparecem argumentos ancorados na psicanálise freudiana. Martin Jay (2008, p. 155-156), apoiando-se em Paul Robinson, afirma que “indícios sutis” do interesse marcusiano por Freud podem ser encontrados em trabalhos dos anos 1930 e cita como exemplo os escritos “Sobre o caráter afirmativo da cultura” (1937) e “Para a crítica do hedonismo” (1938). Paul Robinson (1971, p. 146-147) afirma: “Existem elementos que apontam claramente na direção de *Eros e civilização*. Muitos dos seus ensaios continham trechos de análise que eram já inteiramente freudianos, por vezes até reichianos, em espírito. Mesmo na década de 30, Marcuse considerou a repressão corporal e, em particular, a repressão sexual, um dos mais importantes atributos da ordem social exploradora. Era mais sensível à dimensão sexual da repressão do que os seus ortodoxos predecessores marxistas ou os seus contemporâneos revisionistas”. Nesses escritos, Freud não é o interlocutor direito ou principal de Marcuse.

⁵ Conforme indicação de Jay, tratava-se à época em que ele realizou a pesquisa que deu origem ao seu livro *A imaginação dialética*, de material inédito que compunha o acervo de Leo Löwenthal. As obras completas de Adorno estavam sendo organizadas e o texto acima referido apareceu no volume 8, p.20-41, com o título “*Revidierte Psychoanalyse*”. Foi traduzido para o alemão em 1952, por Rainer Köhne. No Brasil, a tradução foi publicada em 2015 com o título “A psicanálise revisada”.

Novos caminhos em psicanálise, de Karen Horney.⁶ Adorno não participava do círculo central dos pesquisadores do Instituto quando Horkheimer assumiu sua direção em 1930 e dessa forma não teve contato próximo com Erich Fromm. Isso talvez o tenha deixado mais livre para fazer a crítica que Horkheimer deixou suspensa. O ponto de partida é o ataque ao revisionismo da teoria das pulsões. No seu caminho em direção a Marx, gradativamente Fromm passara a recusar de Freud a teoria da libido e o complexo de Édipo. Ele se deixara seduzir pela teoria do matriarcado que utilizara para negar a universalidade do complexo de Édipo, que assim passou a ser visto como componente excessivamente masculino centrado na autoridade, no medo e na subordinação. “A sociedade matriarcal frisava a solidariedade e a felicidade humanas”.(JAY, 2008, p.143) A aceitação da teoria do matriarcado era a alternativa para supor que o amor não dependia da sexualidade como acreditara Freud. Este seria visto como um representante do pensamento patriarcal e da cultura patricêntrica.

O revisionismo critica a teoria das pulsões, considerando-a fixa e mecanicista. Em seu lugar apresenta uma classificação de tipos de caráter como elemento definidor da personalidade humana. Adorno retruca afirmando tratar-se de um mal-entendido a suposta fixidez das pulsões. As pulsões são dinâmicas e o que é, na verdade, mecanicista é a tipologia do caráter exclusivamente centrada no ego que os revisionistas preconizavam. De igual modo, a recusa das experiências infantis pelos revisionistas e sua substituição pela compreensão totalizante do caráter, que considera

⁶ Por não se tratar do foco principal desse estudo, a abordagem das ideias de Adorno na crítica ao revisionismo neofreudiano segue de perto a reflexão proposta por Martin Jay (2008, p. 152-154).

as diversas etapas da vida do indivíduo, é posta em questão por Adorno. Isso apaga o peso que os traumas infantis representam para a formação da personalidade. Recusar o complexo de Édipo, substituindo-o por uma teoria totalizante do caráter, significava dessexualizar a psicanálise.

Outra crítica diz respeito às fontes da desordem social. Os revisionistas atribuíam sua causa à competitividade. Adorno considera ingênua essa posição. Sob esse aspecto ele repete Freud, que considera que o vínculo social é devido à ameaça da violência corporal. Revela-se aqui a herança hobbesiana no pensamento de Freud, caracterizada pela “absolutização pessimista do mal na natureza humana” (JAY, 2008, p. 154). Essa visão é oposta àquela que supõe a necessidade do amor como o caminho para o estabelecimento de relações verdadeiras entre os seres humanos. Aqui está a outra crítica de Adorno aos revisionistas. A centralidade do amor, cuja extensão a todos os seres humanos levaria à supressão do sofrimento. Os revisionistas queriam atacar a suposta frieza de Freud em relação ao sofrimento. Porém, uma prova direta de amor ao próximo não é, de modo algum, evidência de melhoria das relações entre os homens. Adorno conclui que “talvez a misantropia de Freud não seja nada mais que este amor desesperançado e a única expressão de esperança que ainda subsiste” (ADORNO, 2015, p.66). Essa posição não cria qualquer ilusão harmonizadora, típica do revisionismo.

Como se pôde observar, Adorno adotou uma posição diferente da de Horkheimer, que evitou o embate teórico com Fromm, pois no início da década de 1930 os dois trabalharam estreitamente na pesquisa empírica que deu origem aos *Estudos sobre autoridade e família*. Marcuse, que também participou timidamente desses *Estudos*, parte para

o ataque direto ao revisionismo do ex-colega de trabalho. Depois de concluídos os *Estudos*, o distanciamento de Fromm vai se consumando, até que, em 1939, ocorre seu desligamento do Instituto. Suas ideias colocaram-no em irreversível oposição a Freud e deram forma a seu revisionismo. Horkheimer, mesmo discordando da guinada teórica, preferiu o silêncio em relação ao ex-colega enquanto Marcuse optou pela interlocução crítica com suas ideias.

1.1 A CRÍTICA MARCUSEANA AO REVISIONISMO

O texto “Crítica do revisionismo neofreudiano” reafirma grande parte das ideias apresentadas em 1946 por Adorno. Marcuse critica o revisionismo, colocando sob a mesma denominação as ideias de Erich Fromm, Karen Horney e Harry S. Sullivan – este último não figurou no texto de Adorno. Marcuse toma também por referência outros textos além daquele que Adorno citara.⁷

Marcuse começa por separar os neofreudianos entre uma ala da direita e outra da esquerda. Reich, sobre quem faz um breve resumo, é colocado na ala esquerda. Importa salientar que, segundo Marcuse, Reich rejeita a pulsão de morte e a dimensão de profundidade revelada nos escritos metapsicológicos de Freud. Mas está na ala esquerda porque considera a repressão sexual é imposta por interesses de dominação e exploração. A rigor, este seria um aspecto com o qual Marcuse concordaria, resguardadas as devidas diferenças entre ambos. A ala direita reúne Jung e os revisi-

⁷ Os escritos de Fromm que servem de referência para a crítica de Marcuse são as obras *O medo à liberdade*, *Análise do homem* e *Psychoanalysis and religion*, além dos artigos “Sobre o método e a tarefa de uma psicologia social analítica” (1932) e “A significação sócio-psicológica da teoria do matriarcado” (1934).

onistas. Sobre Jung, Marcuse(1981a, p. 206) limita-se a dizer que seu trabalho se tornou uma “obscurantista pseudomitologia”.Passa na sequência a comentar sobre as escolas culturais e interpessoais – que são os revisionistas propriamente ditos.

O trabalho dos revisionistas põe em xeque a radicalidade da crítica freudiana à sociedade. Marcuse identifica no freudismo uma tensão consciente entre a teoria e a prática terapêutica. Enquanto a teoria é uma crítica à ordem repressiva, a terapia é um “curso de resignação” a esta mesma ordem. “A força crítica do freudismo está na firmeza com que mantém a contradição, recusando-se a modificar seu substrato teórico, para torná-lo compatível com a terapêutica”. (ROUANET, 1989, p. 218) A tensão entre teoria e terapia é solucionada pelos revisionistas com o sacrifício da teoria. Perde-se, assim, sua radicalidade. O revisionismo ataca a teoria das pulsões, nega o conflito pulsional, considerando-o um “biologismo” e com isso a terapia se transforma em ajustamento social. Conforme Marcuse assinala,

Essa purificação científica talvez seja planejada para ajustar a teoria às exigências da terapia e da técnica, mas o desenvolvimento tem tido um efeito bem diferente. As hipóteses e os exageros que foram eliminados são precisamente aqueles que se opõem à suave incorporação da psicanálise ao sistema cultural estabelecido e seu suave funcionamento como uma atividade socialmente recompensada. Se tomadas seriamente, as ideias metafísicas podem sugerir uma crítica à sociedade que é incompatível não somente com os objetivos terapêuticos da psicanálise, mas

com a própria noção de psicanálise.⁸

O revisionismo nega o inconsciente, a experiência infantil e o passado, valorizando seus opostos, a saber, o consciente, a vida adulta e o presente. Assim, o conflito pulsional, que é considerado um preciosismo biologista, é negado e reduzido a problemas de ordem moral ou religiosa.

Os valores morais e religiosos se tornam importantes para o revisionismo. São decisivos para a formação da personalidade. Contudo, como alerta Marcuse, todos os valores religiosos e morais que caracterizam a civilização ocidental são resultantes da repressão a que todos nós estamos sujeitos para que o processo civilizatório se realize. E a repressão, que acontece sobretudo na infância, tem caráter sexual e é indissociável da repressão pulsional. Por isso, a crítica revisionista transforma a psicanálise numa ideologia e ela mesma erige-se como uma filosofia da alma.

Ao se referir a Fromm, Marcuse começa por chamar a atenção para alguns traços que ele acredita serem acertados em sua compreensão de Freud, que apontam para a modificação do aparelho pulsional pelas determinações econômicas. Marcuse está ancorado no texto “Sobre o método e a tarefa de uma psicologia social analítica”, de 1932, publicado na Revista de Pesquisa Social, órgão de divulgação científica do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Trata-se de um texto da época em que Fromm ainda pertencia aos quadros do Instituto. Fromm evoca a plasticidade das pulsões, um conceito que é central na análise marcusena de Freud. Porém, o elogio termina aqui, pois na sequência Marcuse se refere a outro texto, de 1934, intitulado “A sig-

⁸ Cf. Teoria e terapia em Freud, a ser editado pela EDUFU, 2018.

nificação sócio-psicológica da teoria do matriarcado”, também publicado na revista do Instituto.

A utilização da teoria do matriarcado por Fromm tinha a intenção de mostrar que Freud ficara preso a um referencial masculino, corroborado pelos conceitos de complexo de Édipo, autoridade paterna e a uma formulação específica do princípio de realidade denominado sociedade patricêntrico-aquisitiva, isto é, capitalista e centrada na figura do pai. A teoria do matriarcado fora proposta inicialmente pelo antropólogo suíço Johann Jakob Bachofen, na segunda metade do século XIX, e tinha caído no esquecimento antes de ser reabilitada nas primeiras décadas do século XX. Fromm utiliza essa teoria para levantar a hipótese da possibilidade de outro princípio de realidade caracterizado não pela competição e dominação, mas pela gratificação libidinal. Ele utilizou a teoria do matriarcado para negar a universalidade do complexo de Édipo. Porém, essa teoria nunca chegou efetivamente a granjear o apoio dos demais integrantes do Instituto. Segundo Marcuse (1981a, p. 209), ela só serve para enfraquecer a concepção psicanalítica, retirando o “papel fundamental da sexualidade como uma ‘força produtiva’.” Afirmar que a teoria as pulsões é uma “força produtiva” só é possível em um cenário em que Marx e Freud são combinados. Essa combinação é também visível em *Eros e civilização*.

As proposições dos revisionistas levam ao enfraquecimento da teoria e ao fortalecimento da terapia. Foi o que aconteceu com Fromm, cujos questionamentos aos conceitos metapsicológicos de Freud o levaram a se preocupar mais com o tratamento terapêutico. E também sob esse aspecto Freud é questionado. Segundo Fromm, na prática terapêutica, a relação entre analista e paciente seria a

expressão da tolerância liberalista e burguesa segundo a qual o analista se manteria “neutro”. Seria uma neutralidade apenas aparente, porque, no fundo, os conceitos com os quais o analista opera estão assentados nos valores patri-cêntricos-autoritários. Mediante essa constatação, o revisionismo propõe uma prática terapêutica centrada na “reivindicação do paciente à felicidade”. (MARCUSE, 1981, p. 209)

Contra Fromm, Marcuse argumenta que a reivindicação à felicidade não resolve o conflito do paciente, antes o agrava, porque a sociedade só permite uma felicidade controlada. O preço a pagar para tornar possível a existência social é a renúncia, o sacrifício pulsional, que impede a felicidade plena. Conforme Marcuse, a teoria revisionista é um recuo para antes de Freud, pois este já mostrara a condição infeliz do homem em sociedade, devido à necessária repressão pulsional, garantidora do processo civilizatório. A felicidade reivindicada só poderia se realizar se ela fosse redefinida de um modo compatível com os valores prevalentes. E a teoria freudiana é por demais radical para fazer concessões a qualquer definição de felicidade que exclua a gratificação pulsional subjacente ao princípio de prazer.

O revisionismo questiona a teoria freudiana por sua ênfase no passado tanto do indivíduo quanto da espécie. Isso constituiria uma orientação demasiado biológica na formação do caráter, que se daria entre o quinto e o sexto ano de vida. Contra isso, ressaltam os revisionistas a necessidade de considerar o presente, o nível cultural e o meio na formação do caráter. Relacionado ao aparente biologicismo de Freud, os revisionistas dizem que a compreensão social que surge da teoria freudiana aponta para a fixidez, como se as relações fossem o resultado de “um conjunto es-

tático de leis instituídas no passado” (MARCUSE, 1981a, p. 213). Seguindo a mesma diretriz de Adorno, Marcuse defende que a psicanálise não é estática; ao contrário, é dinâmica, porque o caráter resulta justamente da dinâmica pulsional. Levar em conta as relações interpessoais dos indivíduos com a cultura para construir uma “personalidade total” é fundamentar a psicologia em conceitos rasos e em uma falsa imagem da sociedade. Tem-se como resultado, na teoria, a elaboração do óbvio e, na prática terapêutica, o ajustamento. Marcuse cita Sullivan para corroborar seu ponto de vista. “A concepção prévia para a qual estou caminhando é esta: a personalidade tende para o estado que designamos como saúde mental ou *êxito interpessoal de ajustamento*” (MARCUSE, 1981a, p. 215 *apud* SULLIVAN, 1947, p. 48, grifo meu).

A definição de “personalidade total” dos revisionistas não serve como referência para o conceito clássico de personalidade autônoma. Desde a filosofia kantiana, vem se firmando, sob diferentes formulações, a ideia de autonomia. Para Kant, ela residia na capacidade de o indivíduo responder racionalmente por seus atos e não depender da tutela de ninguém. Isso indicava que se atingiu a maioria. Freud dá o acabamento psicanalítico a esse conceito tradicional, ao sustentar que a personalidade autônoma se forma na infância, nas relações de amor e ódio com o pai – o representante do princípio de realidade. A personalidade e o seu desenvolvimento estão pré-formados nas camadas da estrutura pulsional. Marcuse permanece fiel a essa formulação freudiana ao recusar qualquer aproximação com os conceitos revisionistas. A personalidade total é muito mais o resultado de um tipo adaptado a modelos padronizados.

As relações interpessoais tampouco contribuem para a formação da personalidade total. Visto que sociabilidade hodierna se alicerça enormemente em estereótipos impostos pela indústria cultural e esta anula a autonomia do indivíduo, o conceito de relações interpessoais resulta falacioso. A formação do caráter não se dá, portanto, por meio das relações interpessoais, mas na infância. É nessa fase que fica selado o destino do indivíduo.

Ao longo do texto, Marcuse vai desmontando os principais argumentos dos revisionistas. Ao mostrar sua inconsistência, ele reafirma o ponto de vista freudiano. O filósofo defende a ortodoxia da teoria porque ela preserva a radicalidade explosiva dos conceitos. O universal é elucidado na experiência do indivíduo. A psicanálise explica o estado de alienação geral. Mais do que isso, ela abre as portas para ir além dela mesma.

2. FREUD E A FUNDAMENTAÇÃO DA TEORIA MARCUSEANA DA SOCIEDADE

Marcuse é o filósofo da transformação social. Dentre os expoentes do Instituto de Pesquisa Social, ele foi o que esteve mais empenhado, de um ponto de vista teórico, nessa causa. Não raro, na década de 1960, esteve ao lado dos grupos que, de alguma perspectiva prática, se colocaram em confronto com a sociedade repressiva. Seus esforços ao longo dos anos o levaram a ser o protagonista da Grande Recusa – termo que apareceu na década de 1930 e com o

qual o autor se identificara até o fim de sua vida.⁹ A Grande Recusa tem sua formulação teórica mais acabada na década de 1950. Na década seguinte, Marcuse viu, nos movimentos de protesto dos estudantes e negros norte-americanos e em diversos outros grupos, os sujeitos potencialmente históricos da Grande Recusa.

No plano teórico, a fundamentação da mudança social é apresentada em *Eros e civilização*, publicada em 1955. Essa obra estabelece uma relação com Freud que é exclusiva de Marcuse, a saber, “a utilização do freudismo para fundar a possibilidade de uma ordem não repressiva”(ROUANET, 1989, p. 200). Tal perspectiva inexistente nos escritos de Adorno, porque a imagem de uma ordem não repressiva representa uma forma de reconciliação e esta possibilidade é negada por ele, bem como constitui um dos eixos fundamentais de sua crítica a Hegel. Se Freud é importante para Adorno porque revela as contradições profundas do homem, para Marcuse, além disso, é um pensador da identidade e da reconciliação.

Eros e civilização combina Marx e Freud. Isso faz do pensamento de Marcuse o melhor exemplo para a caracterização comumente atribuída à Teoria Crítica de ser uma tendência de pensamento freudo-marxista. Mais do que isso, *Eros e civilização* renova uma perspectiva surgida quando Horkheimer assumiu a direção do Instituto ao levar a cabo os estudos sobre autoridade dos quais Fromm participou. Este era um entusiasta da união de Freud e Marx, mas com o tempo acabou se distanciando da teoria

⁹ O termo aparece pela primeira vez em um artigo intitulado “Algumas considerações sobre Aragon: arte e política na era totalitária”. A expressão foi buscada no livro *Science and the Modern World*, p.228, de A. N. Whitehead, mencionado em *Eros e civilização*, p.139. No texto sobre Aragon, cuja data aproximada é 1945, não há citação da referência.

freudiana e se aproximando mais de Marx. Com o desligamento de Fromm do Instituto e com a guinada teórica do pensamento de Horkheimer a partir da década de 1940, Marx vai decrescendo enquanto referência teórica na mesma proporção em que Weber desponta. O impacto de Weber marcará profundamente o trabalho de Horkheimer, sobretudo pela discussão do conceito de razão e da dialética da racionalidade. Freud passa a ser uma referência mais distante para Horkheimer.¹⁰

Em *Eros e civilização*, Marx não é diretamente citado; apenas Freud e uma gama de autores que investigam no campo filosófico e psicológico. No entanto, o próprio Marcuse afirma, em conversa com Douglas Kellner (1984, p. 155; p.424, nota 5), em março de 1978, que, na época em que *Eros e civilização* foi escrito, ele estava interessado na teoria revolucionária marxiana. A obra surgiu no período da Guerra Fria, em que a economia norte-americana experimentava um crescimento intenso e a sociedade de consumo fora declarada como realização do reino da liberdade. Em um cenário social como esse, o pensamento de esquerda conheceu significativo refluxo. Assim, *Eros e civilização* foi uma tentativa de “manter aberto o espaço de emancipação em um período que não prometeu qualquer forma de mudança radical” (KELLNER, 1984, p. 156).

Se na discussão com os movimentos revisionistas Marcuse assume a defesa da ortodoxia, em *Eros e civilização* e nos escritos da mesma época que discutem sua teoria social sob a perspectiva da psicanálise, o que emerge é outro Marcuse bem “revisionista”, que põe em xeque a condi-

¹⁰ Os capítulos “A revolta da natureza” e “Ascensão e declínio do indivíduo”, que compõem a obra *Eclipse da razão*, de 1947, contêm referências a Freud, ainda que ele não seja citado.

ção ontológico-metafísica da infelicidade humana, discutida nos escritos metapsicológicos de Freud. O homem é infeliz e a infelicidade sela a necessária solução repressiva das pulsões, que garante a vida em sociedade. Para Freud, a plena satisfação pulsional é incompatível com as exigências da luta pela existência. Por isso, a renúncia pulsional é necessária. Ao contrário, Marcuse quer provar, usando Freud e ao mesmo se colocando contra ele, que é possível uma sociedade não-repressiva. O potencial técnico-econômico do mundo industrializado permitiria supor a possibilidade do fim da repressão.

Marcuse absorve de Freud a teoria das pulsões, o complexo de Édipo, a concepção tripartida da estrutura psíquica, bem como os relatos metapsicológicos da origem da repressão no indivíduo e na sociedade. Alguns desses conceitos haviam sido rejeitados pelos revisionistas. Eles são mantidos e o autor faz inclusive uma alteração no conceito de princípio de realidade, além de apresentar uma interpretação diferente para a pulsão de morte, interpretação que ele sustenta ser possível buscar no próprio Freud.

O princípio de realidade é um conceito que tem validade universal, ou seja, transcende as formações históricas. Ele supera o princípio de prazer, modificando-o pela repressão pulsional. A vitória sobre o princípio de prazer garante a existência e conservação biológica do indivíduo. O ser humano aprende a renunciar ao prazer momentâneo e imediato e o substitui pelo prazer mediado. “Através da renúncia e restrição, de acordo com Freud, o princípio de realidade ‘salvaguarda’, mais do que destrona, e ‘modifica’, mais do que nega, o princípio e prazer” (MARCUSE, 1981b, p.35).

Marcuse confere historicidade ao conceito de princí-

pio de realidade. Com isso ele quer mostrar que os fatos da repressão externa ou impostos pelo meio exterior são constituídos e determinados historicamente e nada justifica que devam continuar a sê-lo. Assim, seria possível suprimir, em larga medida, a repressão externa que responde pela infelicidade humana.

Para sua fundamentação teórica, o conceito de princípio de realidade é subdividido em dois: por um lado, Marcuse denominou princípio de desempenho a forma histórica do princípio de realidade; por outro, acrescentou o conceito de mais-repressão para assinalar aquela cota adicional que é imposta aos indivíduos pelo princípio de desempenho. Ela difere da repressão básica que o autor considera necessária para a manutenção mínima dos padrões de sociabilidade. A repressão básica é aquela internalizada na primeira infância a partir do embate com a autoridade do pai, o representante do princípio de realidade. Sobre esse aspecto, Marcuse se mantém fiel a Freud. Mas, tendo por base aquele desdobramento, o autor sustenta a tese que “a sociedade poderia realizar um alto grau de libertação pulsional sem perder suas conquistas ou paralisar seu progresso” (MARCUSE, 1968, p. 9).¹¹

Marcuse também aceita a teoria freudiana da natureza humana. Segue Freud de perto ao postular as pulsões de vida e de morte e o conflito entre ambas como arquétipo da formação psíquica. Da mesma maneira está de acordo com a suposição da pulsão de morte como tendência para destruição e agressão. Freud sustenta que a pulsão de morte

¹¹Kellner (1984, p. 164) sustenta que se trata de uma modificação de Freud à luz de Marx. “O conceito de ‘mais-repressão’ foi inspirado e funciona analogamente ao conceito marxiano de ‘mais-valia’ e o princípio de desempenho está conectado com a crítica de Marx ao capitalismo e ao trabalho alienado”.

subjaz a determinadas manifestações como sadismo, violência e guerra, assim como a compulsões de repetição, masoquismo e suicídio. Por sua vez, Marcuse toma essa mesma pulsão, tendo em vista outro interesse. Ele afirma que o fortalecimento da energia de Eros levaria ao aumento do domínio da pulsão de morte. Da mesma forma, o enfraquecimento da energia erótica leva ao fortalecimento da pulsão de morte e da agressividade, da violência e do ímpeto à destruição.¹²

A recepção de Freud no tocante à construção da teoria marcuseana da sociedade se faz pelo rearranjo dos conceitos psicanalíticos de princípio de realidade e pulsão de morte, tendo em vista a perspectiva emancipatória que o filósofo trouxe consigo como tarefa fundamental do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Outro conceito fundamental para o entendimento da apropriação de Freud e de sua combinação com Marx é o de dominação. Ele aparece no ensaio “Teoria das pulsões e liberdade” e é assim definido:

A dominação existe eficazmente em toda parte em que os objetivos e fins do indivíduo e as maneiras de aspirar

¹² Quanto a esse aspecto, Kellner (1984, p. 162) chama a atenção para o fato de que, apesar de se relacionar exclusivamente com os textos metapsicológicos de Freud, todos eles escritos no século XX, Marcuse parece aceitar um modelo de energia pulsional mais próximo da ciência do século XIX. Ele diz: “É surpreendente para muitos que Marcuse aceite os elementos biológicos e mecânicos da teoria freudiana das pulsões, que pressupõe uma quantidade constante de energia pulsional que luta para manter um equilíbrio, como se o organismo humano fosse um sistema termodinâmico e hidráulico governado por leis de conservação de energia e inércia”. Depois dessa observação, Kellner apresenta uma explicação para essa tendência. Ele afirma que Marcuse poderia ter se interessado pelos elementos biológicos da teoria freudiana das pulsões “não pela intenção de suplementar a teoria marxiana, mas pelo intuito de, reconstruindo a antropologia marxiana, fornecer um novo fundamento para a esperança revolucionária em uma antropologia da libertação. Visto que a história não forneceu nenhuma garantia de revolução, Marcuse se voltou para a *natureza* para dar um fundamento para a possibilidade revolucionária. Em sua leitura de Freud, a natureza humana contém a rebelião e energias criativas que não toleram a opressão excessiva e, se liberadas, podem gerar a luta revolucionária”.

a eles e atingi-los lhe são dados previamente e realizados por ele como algo prescrito. A dominação pode ser exercida por homens, pela natureza, pelas coisas – pode ser interiorizada, exercida pelo indivíduo sobre si mesmo e aparecer sob a forma de autonomia (MARCUSE, 1968, p.6).

Se a dominação diz respeito a tudo que é dado e prescrito ao indivíduo, como fica a liberdade nesse contexto? Marcuse afirma que a liberdade também é definida dentro da dominação. A história da humanidade mostra isso. Porém, a maior liberdade dependerá de como a forma de dominação possa satisfazer, pelos meios pré-existentes, as necessidades dos indivíduos com o mínimo de desprazer e frustração.

Essas variações conceituais fazem com que Marcuse extrapole tanto o marxismo ortodoxo como o freudismo ortodoxo. E é com base nessas variações que ele afirma a existência de tendências ocultas na psicanálise, que podem revelar “suas implicações filosóficas e sociológicas” (MARCUSE, 1981b, p.30). Essas tendências apontam ou sugerem a possibilidade de um novo princípio erótico de realidade, conclusão à qual o inegável pessimismo de Freud não quis chegar. A liberdade e felicidade recusadas pela psicanálise são vislumbradas na teoria social de Marcuse.

Se por um lado Marcuse inclina-se a ao aspecto biológico de Freud no tocante ao equilíbrio das energias arquetípicas, por outro o critica por ter fixado a repressão em limites exclusivamente biológicos. Nesse ponto, ele inverte a direção do argumento para afirmar que a repressão é histórica e cada formação histórica determina níveis de mais-repressão.

O novo princípio de realidade erótico buscado por

Marcuse abole a mais-repressão, mas mantém a chamada repressão básica. Essa é necessária para garantir os padrões mínimos de sociabilidade, pois a total ausência de repressão é incompatível com a vida biológica. Para garantir a existência e a continuidade da vida, as necessidades biológicas devem ser satisfeitas. O modo de satisfazê-las é pelo trabalho. Em geral, o trabalho não é uma atividade prazerosa, principalmente nos dias de hoje. Marcuse afirma que o trabalho é alienado, sustentando-se tanto em Freud quanto em Marx. No sentido freudiano, alienado significa que não é fonte de prazer; no sentido marxiano significa que não pertence a quem o produziu, mas a quem detém os meios de produção e o capital.

No capitalismo avançado das sociedades industrialmente desenvolvidas, o trabalho vai além da satisfação das carências materiais. Marcuse usa com frequência o termo *Ananké* para se referir a essas carências. O que está em questão nas sociedades atuais não é tanto a satisfação das necessidades individuais, mas a realização de mais-valia. Por isso, mais do que nunca, o trabalho determina a vida das pessoas, tanto na jornada laboral quanto fora dela, no lazer e entretenimento, que são vistos como formas de reposição de energia para o trabalho. Então, o trabalho alienado é também repressivo porque deixou de ser uma necessidade individual, tornando-se unicamente uma necessidade social e estando comprometido muito mais com a acumulação do capital pelo incremento da produtividade.

Essa situação traz um agravante que Marcuse discute à luz da psicanálise. A execução de um trabalho frustrante e desagradável requer o desvio de energia erótica para que ele possa ser executado. Por isso é um trabalho alienado: quase nunca implica realização pessoal para quem o execu-

ta e só é realizado como venda direta da força de trabalho mediante o pagamento pecuniário com o qual o trabalho satisfaz necessidades básicas e imediatas. Assim, a frustração e o sofrimento são uma constante de todo trabalho da civilização ao longo de sua existência. O desvio da energia de Eros para que o trabalho penoso possa ser executado altera o equilíbrio entre as pulsões, fazendo com que a energia destrutiva se manifeste.

Marcuse parte do pressuposto de que a riqueza produzida já é, há muito tempo, capaz de mitigar a escassez material. Isso se deve em larga medida à disponibilidade de matéria-prima, à mão de obra cada vez mais especializada e ao desenvolvimento tecnológico. Em especial este último aspecto permitiu enorme aumento da produtividade e a transferência do esforço físico do homem para a máquina. Esta produz em muito menos tempo a mesma quantidade que vários operários. Não é à toa que, na fundamentação de sua teoria da mudança social, Marcuse(2001, p.131-132) demonstra grande simpatia pelos processos de automação do trabalho. Assim o filósofo conclui:

O tempo gasto no trabalho alienado não seria mais o tempo da vida, nem o tempo livre dado ao indivíduo para satisfazer as próprias necessidades seria um mero resto de tempo; ao contrário, o tempo de trabalho alienado não seria apenas reduzido ao mínimo, mas desapareceria completamente e o tempo da vida seria o tempo livre.

Uma realidade caracterizada pela alta produtividade permitirá pensar a possibilidade da redução da jornada de trabalho. Visto que a vida humana tem sido definida em função do tempo de trabalho, sua redução implicaria o aumento do tempo livre. Ter-se-ia uma situação em que o

trabalho deixaria de ser o conteúdo da vida. Como consequência disso, Eros poderia ser liberado e novamente proporcionar o equilíbrio com a pulsão de morte. Deixando de ser desviado, Eros voltaria a estar empenhado em sua função no novo princípio de realidade de uma sociedade que aboliu a mais-repressão, a saber, a constituição de unidades sociais cada vez maiores.

3. A PSICANÁLISE COMO CRÍTICA DA CULTURA

A psicanálise também foi apropriada pela Teoria Crítica como instrumento de crítica social. Esse foco é comum aos principais teóricos do grupo de Frankfurt, embora eles diverjam quanto à forma de construção do argumento. Marcuse vale-se do potencial crítico da psicanálise para denunciar o declínio do indivíduo nas sociedades industrialmente desenvolvidas.¹³ Seu caminho consiste em pressupor que, diante da situação do indivíduo hoje, a psicanálise poderia não mais servir de referência crítica, pois os conceitos metapsicológicos de Freud foram forjados tendo como modelo o indivíduo burguês já desaparecido. Em “A obsolescência da psicanálise”, texto de 1963, ele pretende mostrar que, não obstante o suposto envelhecimento da teoria freudiana, a psicanálise “lança uma nova luz sobre a política da sociedade industrial avançada” (MARCUSE, 1998,

¹³ Quanto à intenção de valer-se da psicanálise para mostrar o declínio do indivíduo, Marcuse repete o que Horkheimer fizera nos capítulos “A revolta da natureza” e “Ascensão e declínio do indivíduo”, publicados em *Eclipse da razão*, em 1947. A maneira de fazê-lo é, no entanto, diferente em ambos os autores. Enquanto Horkheimer toma como correta as considerações de Freud sobre a importância da primeira infância para a formação da estrutura psíquica da personalidade, Marcuse parte do questionamento sobre se se podem ainda considerar válidas as categorias freudianas, já que a formação histórica liberal que deu suporte às análises freudianas foi suprimida pelo mundo administrado.

p.91). Esse é o mesmo pressuposto que fundamenta sua apropriação de Freud na década de 1950.

Marcuse permanece dentro da ortodoxia freudiana. Reafirma os conceitos centrais de Id, Ego e Superego, Eros e Thánatos, princípio de prazer e princípio de realidade, complexo de Édipo. Dentro desses parâmetros conceituais, mostra que a constituição do indivíduo se dá, inicialmente, na infância, na luta contra o pai. Aí se formam os vínculos libidinais de amor e ódio – suporte para a construção da autonomia do indivíduo que posteriormente é completada pelas demais instituições sociais.

O modelo de formação pela interiorização da repressão estaria posto em xeque pela situação histórica, pois teriam ocorrido transformações na sociedade industrial que “minaram os fundamentos da teoria freudiana” (MARCUSE, 1998, p.94). Tais transformações levaram ao declínio da família enquanto agente de socialização psíquica, que perde espaço para outros grupamentos sociais na constituição do ego. Acompanhada do declínio da família e do pai, está também a decadência da empresa privada e familiar. Com isso, o autor quer mostrar o desaparecimento da situação tipicamente burguesa em que o filho era o sucessor econômico do pai. A individualidade tinha uma base econômica que se perdeu com a emergência da sociedade industrial e dos conglomerados financeiros. Essas transformações indicam que o “ideal de ego” passa então a ser forjado essencialmente de fora e não da relação conflituosa com o pai. Tais transformações, segundo Marcuse, ferem a autonomia do Ego. Em vez da relação do eu com o outro se constituir pela mediação, ocorre uma *identificação* imediata com o outro. Está aberto, então, o caminho para a constituição das massas.

Freud afirma que os processos e conflitos psíquicos não são históricos, mas universais. Isso significa que eles existem independentes da formação histórica e continuam dominando sob formas diferentes. Marcuse tem como interlocutor Max Weber, cujos conceitos são apropriados para resgatar a validade da psicanálise, contra a ideia de sua obsolescência apresentada no início do ensaio. Não se trata, como fora o caso de *Eros e civilização*, de usar um interlocutor para flexibilizar os conceitos psicanalíticos. Nos anos 1950, Marcuse utilizara Marx para validar a historicidade de conceitos provenientes do pensamento de Freud, contra sua suposta universalidade. Agora ele aceita as pretensões universalistas da concepção freudiana e usa Weber para resguardar essas pretensões diante da possível crítica de seu ultrapassamento pelo tempo. Se hoje o que existe é o mundo administrado – tese inspirada na apropriação frankfurtiana de Weber – e a sociedade de massa, os processos e conflitos se dão aí; a identificação ou a mediação continuariam existindo nessa nova formação social. A explicação para a identificação Marcuse vai buscar no ensaio “Psicologia das massas e análise do ego”, de Freud. Trata-se da extensão de seu modelo de constituição do ego para a formação e manutenção de coletivos. O conceito de vínculos libidinais é central para a formação do indivíduo e deste enquanto um átomo da massa. O filósofo enxerga aí a concepção política da interpretação de Freud. “A análise do ego converte-se numa análise *política*, na qual os indivíduos se ligam até transformarem-se em massas” (MARCUSE, 1998, p. 96).

Para a formação da massa, o ideal de ego e o que ele envolve – a consciência e a responsabilidade – não é obra do indivíduo, mas vem de fora e é encarnado em um agen-

te externo, o líder. Este se apresenta como ideal coletivo para os indivíduos e é o responsável por sua unificação no grupo ou na massa, pois estabelece os vínculos de identificação dos indivíduos com ele e dos indivíduos entre si. Freud tomou como referência para sua psicologia de grupos a Igreja e o Exército. Marcuse crê, porém, que os conceitos usados por Freud para a constituição de qualquer agrupamento ultrapassaria a formação histórica. Os fundamentos constitutivos são buscados na narrativa da horda primordial. Sob esse aspecto, a formação das massas estaria submetida “à regressão a uma atividade primitiva da alma” (MARCUSE, 1998, p. 96), em que o líder desempenharia o mesmo papel do pai primitivo. Na horda, os vínculos libidinais se formariam na relação de amor e ódio ao pai. A identificação dos membros entre si e destes com o pai são o suporte para a existência do grupo obediente e fortemente coeso. O mesmo ocorreria nos grupos hodiernos. Os vínculos libidinais de amor são direcionados ao líder e aos membros do grupo e o ódio é dirigido para fora. “Em virtude de sua origem numa energia erótica ‘inibida’, a formação de massas produz energia destrutiva que procura e encontra seu alvo *fora* do grupo”. (MARCUSE, 1998, p. 97, grifo do autor).

A formação das massas é um processo regressivo, caracterizado pelo desaparecimento da personalidade consciente, em que o ideal de ego é trocado pelo ideal de grupo, que, por sua vez, é encarnado no líder. Isso significa o enfraquecimento das faculdades críticas da psique, a saber, a consciência resultante de um conhecimento (*Bewußtsein*) e a consciência moral (*Gewissen*). Estar inserido na massa indica, fortemente, a perda da autonomia.

Um dos traços da atual sociedade de massas é a cres-

cente burocratização. Aos poucos ela vai tomando conta da administração das coisas, que é algo que diz respeito à organização e planejamento voltado à satisfação das necessidades individuais vitais. A administração das coisas é uma competência do indivíduo e pressupõe algum traço de autonomia. A sociedade industrial enfraquece a administração das coisas e fortalece a administração total. Esta é responsável pela ampla integração dos egos enfraquecidos. O mundo administrado é a face social e política do princípio de desempenho vigente – termo que Marcuse utiliza para determinar a historicidade do princípio de realidade e que corresponde ao capitalismo avançado. Há nisso tudo um círculo vicioso em que, por um lado, o declínio da autoridade paterna promove o enfraquecimento do ego e, por outro, o ego enfraquecido é cada vez mais subsumido pelo mundo administrado. Esse eu fraco é incapaz de opor resistência às forças que, nesse mundo, lhe são apresentadas como se fossem o princípio de realidade.

O mundo administrado não precisa de egos autônomos. Segundo Marcuse, a socialização está cada vez mais entregue a agências externas e o controle do tempo livre é feito pelos meios de comunicação de massa e pelo entretenimento, o que leva à dissolução da esfera privada. Porém, quanto mais aumenta a abrangência do mundo administrado, mais se precisaria de um ego fortalecido. E uma vez que a disposição ao enfrentamento crítico parece se tornar uma capacidade de um número cada vez menor de indivíduos, maior é a possibilidade de manifestação de doenças psíquicas e afetivas e maior é a propensão a identificar o eu com um ideal de ego exterior. Esse processo facilita a liberação de energia agressiva: como o ideal de ego não é forjado pelo enfrentamento com a autoridade paterna, ele é

buscado fora. A identidade se dará com o líder do grupo por conta dos vínculos libidinais e a energia destrutiva não reprimida será direcionada para algum elemento externo – pessoa, grupo, coisa ou objeto.

A sociedade de massa transfere o ideal do ego para o líder enquanto imagem do pai. Porém, como identificar e onde encontrar um líder com força unificadora? Estaria aí outra dificuldade a contribuir para a derrocada da psicologia freudiana de massas? Um líder como imago paterna não parece ser encontrado desde os tempos do *Führernazista*. Ainda que se sustente que o líder possa ser uma “abstração”, tal como o comunismo, o socialismo ou a economia de mercado e suas possibilidades de prosperidade, é certo que tais abstrações não têm força para criar vínculos libidinais. Criariam apenas algum nível de coesão social.

Por outro lado, os vínculos libidinais existem. Eles podem ser encontrados nos líderes políticos, em artistas e desportistas. Cria-se o vínculo, mas a imagem do pai não é invocada. Eles também são fungíveis e, por isso, não garantem a coesão social. Vive-se uma situação em que os indivíduos não são mais moldados pela imagem tradicional do pai; os vínculos libidinais e a coesão social devem ser buscados em outros agentes do princípio de desempenho.

Marcuse(1998, p. 102) sustenta que o vínculo libidinal e a coesão social são garantidos pela “autoridade do aparato de produção dominante”. Ela se impõe como ideal de ego universal. Essa suposição ao mesmo tempo ratifica e invalida a tese freudiana da psicologia de massa. Invalida, porque inexistente a figura do líder como herdeiro do pai. E ratifica porque sustenta que uma associação durável é conservada por alguma forma de relação libidinal que cria uma identificação. Esta pode ocorrer com objetos e nesse

caso o autor é bastante claro ao defender que o aparato de produção e distribuição proporciona objetos que, por meio da publicidade, são investidos libidinalmente e oferecem satisfações compensatórias para gratificações libidinais sublimadas.

Outra característica das massas é lembrada por Marcuse. É a inibição dos impulsos quanto à meta. Toda massa contém um excedente de energia destrutiva sobre a energia libidinal, o que inibe a realização desta. A massa não é o lugar de Eros, mas o de manifestação de agressividade. E a agressividade não é essencialmente dirigida a referências abstratas e longínquas tais como partidos políticos ou os comunistas, mas a algo bastante próximo: aos pobres, negros, homossexuais, mulçumanos, judeus, torcedores de agremiações desportivas opostas etc. O inimigo é fungível e modificável conforme a constelação social.

É também a apropriação da psicanálise enquanto crítica social que leva Marcuse a propor o conceito de dessublimação repressiva, que aparece em *O homem unidimensional*. A sublimação está ligada à mudança ou desvio de objetivos primários da pulsão sexual para outras metas não sexuais, mas que seriam, por outro lado, socialmente valorizadas. A energia pulsional é orientada para atividades sociais aceitáveis. Marcuse usa o termo sublimação referindo-o tanto à interdição moral como também à produção cultural. Nesse sentido, a cultura é sublimada.

A dessublimação indicaria o processo inverso. Marcuse observa que há uma tendência, no mundo industrialmente desenvolvido, ao relaxamento dos costumes sexuais, à mudança de comportamento social, à difusão de uma cultura voltada para as massas. A alta cultura burguesa era sublimada no sentido de que seus valores diziam respeito a

um mundo cuja realização estava distante e além da ordem material. O comportamento sexual estava assentado numa imagem igualmente burguesa de família que preservava o tabu sexual. Assim, a dessublimação significaria, no contexto da discussão de Marcuse, realizar os valores contidos na cultura e reerotizar o meio e as relações humanas. O filósofo denomina existência pacificada a execução dessa meta, em que a humanidade chegaria à reconciliação consigo mesma e com a natureza.

No entanto, conforme o autor, o que ocorre é uma dessublimação repressiva¹⁴, porque a liberalização da moralidade sexual, reforçada pelo “sensualismo” mercantil da indústria cultural e mais diretamente pela indústria pornográfica, causa, de fato, a falsa impressão de liberdade. Então, a dessublimação repressiva responde pelo aumento da permissividade sexual com o intuito de reforçar o controle e a dominação sociais. Esse tipo de dessublimação não significa de forma alguma a preponderância de Eros, mas apenas uma satisfação administrada.

Se a psicologia freudiana das massas parece estar ultrapassada pela dificuldade de se encontrar algum tipo individual que personalize o líder com seus principais atributos, Marcuse mostra o quanto são verdadeiras as implicações políticas e sociais da teoria freudiana. Conforme ele mesmo diz (1998, p. 109), “o que é obsoleto nem por isso é falso”. É na própria psicanálise que Marcuse encontra possibilidades de oposição às tendências sociais hodiernas.

¹⁴ O conceito “dessublimação repressiva” é discutido no capítulo 3 de *O homem unidimensional*, obra de 1964. No entanto, o ensaio “A obsolescência da psicanálise”, publicado um ano antes, já antecipa o conteúdo do conceito. Conforme o texto de 1963, “o princípio de realidade se impõe por meio de uma *dessublimação* mais ampla, porém mais controlada... A satisfação melhor e maior é bem mais real, e, no entanto, *repressiva* em termos freudianos” (MARCUSE, 1998, p. 106-7).

A resistência a essa tendência pode começar em casa: a psicanálise pode ajudar o paciente a viver com sua própria consciência e seu próprio ideal, o que pode muito bem significar recusa e oposição à ordem estabelecida. Assim, a psicanálise extrai sua força da sua obsolescência: de sua insistência nas necessidades e possibilidades individuais, que foram ultrapassadas pelo desenvolvimento social e político (MARCUSE, 1998, p. 109).

4. FREUD E A ECOLOGIA RADICAL

Outra variação da recepção marcuseana de Freud associa a psicanálise e a ecologia. Em 1977, é proferida a conferência “Ecologia e crítica da sociedade moderna” para estudantes ligados ao movimento ecológico norte-americano, em que o autor combina esses dois conceitos aparentemente distantes um do outro. De imediato, duas observações são pertinentes. A primeira se refere à preocupação do filósofo com a questão ambiental, tema incipiente na época – o que coloca a Teoria Crítica no centro das discussões sociais e políticas atuais. Diante do argumento da obsolescência da Teoria Crítica, sobretudo a de Marcuse – pelo arrefecimento dos movimentos de protesto da segunda metade da década de 1960, com os quais o filósofo esteve intimamente ligado – a discussão sobre ecologia evidencia sua atualidade. Em segundo lugar, a maneira radical com que Marcuse trata a questão ecológica, se comparada com outros discursos sobre o tema. Para o filósofo não há qualquer possibilidade de restauração da natureza dentro da ordem capitalista.

Nessa conferência, Marcuse fala da necessidade de restauração da natureza, tanto interna quanto externa para

a efetividade da luta ecológica. Assim, a psicanálise é posta no centro da temática ambiental. A destruição da natureza não pode ser desvinculada da destrutibilidade geral.

Em “Ecologia e crítica da sociedade moderna”, Marcuse tece uma rede conceitual que liga os conceitos provenientes da psicanálise com as perspectivas de seu projeto de mudança radical da sociedade. Ao discutir a natureza interna, o autor retoma a teoria freudiana das pulsões. Isso porque a preocupação com a natureza está associada à mudança na estrutura de caráter que predomina entre os indivíduos. Com tal suposição, o autor tem presente a interpenetração recíproca entre indivíduo e sociedade: um determina o outro, na mesma proporção em que são também determinados um pelo outro.

A destrutibilidade geral, que Marcuse flagra na sociedade industrial avançada, é consequência da prevalência de uma estrutura de caráter destrutiva nos indivíduos. Isso significa que ocorre a preponderância de Thanatos sobre Eros, em vez de haver no indivíduo um equilíbrio entre essas duas forças primárias. Mesmo estando no indivíduo, essa destrutibilidade se manifesta na sociedade. É dentro dessa lógica que se pode entender a poluição do ar, o envenenamento dos rios e mares e o desmatamento desenfreado.

Das relações de mútua conformação que se estabelecem entre indivíduo e sociedade, emergem dois tipos de estrutura de caráter. O primeiro Marcuse denomina afirmativo e o segundo radical. A estrutura de caráter afirmativo designa aquele tipo de indivíduo que diz sim à ordem estabelecida e adota uma posição conformista perante essa mesma ordem. As necessidades sociais impostas a esses indivíduos são aceitas e afirmadas. No polo oposto, a estru-

tura de caráter radical corresponde à negação daquilo que é dado. Marcuse acredita que, nessa estrutura, Eros prepondera sobre Thanatos. Ela também ocorre com menor frequência do que o caráter afirmativo e as razões para o predomínio deste último tipo de caráter podem ser buscadas na satisfação compensatória que o sistema oferece aos indivíduos. A consciência conformista do tipo afirmativo contenta-se com a existência de um alto padrão de vida para a maior parte da população e com o afrouxamento da moralidade social e sexual. Ela também desconsidera que os meios para se atingir esse alto padrão ainda estão fundados no trabalho alienado. Por isso Marcuse(1999, p. 148-149) conclui que,

Sob as condições da sociedade industrial avançada, a satisfação está sempre ligada à destruição. A dominação da natureza está ligada à violação da natureza. A procura por novas fontes de energia está ligada ao envenenamento do meio ambiente [...] A destrutibilidade hoje raramente aparece em sua forma pura sem uma racionalização e compensação apropriadas.

A satisfação compensatória é destrutiva. É contra ela que se volta a estrutura de caráter radical. Esta estrutura, em vez de satisfações compensatórias, busca a satisfação de necessidades emancipatórias, busca satisfazer necessidades que, por serem incompatíveis com as formas econômicas fundadas no trabalho alienado, apontam para “uma qualidade de vida alternativa”. Conforme o autor (1999, p. 150-151),

Tais necessidades emancipatórias incluem pelo menos o seguinte. Primeiro, a necessidade de reduzir drasticamente o trabalho socialmente necessário e substituí-lo pelo trabalho criativo. Segundo, a necessidade de tempo livre e

autônomo ao invés do lazer dirigido. Terceiro, a necessidade de pôr fim à representação de papéis. Quarto, a necessidade de receptividade, tranquilidade e muita alegria, ao invés do barulho constante da produção.

A livre interpretação de Freud feita por Marcuse também o leva à ressignificação e à alteração da meta das pulsões, quando ele se refere à relação da pulsão de morte com o cessar da dor. É como se o filósofo desse uma nova configuração à constelação conceitual que ele propõe para estreitar a proximidade da psicanálise com a causa ecológica radical. Ele interpreta o pensamento de Freud, ao dizer que Freud supusera que a pulsão de morte estaria relacionada com a direção para um estado em que a dor cessaria. Este estado sem dor e tensão estaria localizado no começo da vida, na vida uterina. Tratava-se de um recuo, um retorno a um estado anterior.

Contra Freud, a constelação conceitual marcuseana supõe que o desejo de libertação da dor não pertenceria a Thanatos, mas a Eros. Igualmente não realizaria sua meta no retorno a um estágio anterior, mas no avanço ao vir a ser. Nessa constelação, Eros passaria a ter a função que Freud defendera estar em Thanatos: Eros se torna então agente na pacificação da existência – uma expressão muito forte no pensamento do autor. Como esta pacificação depende, em último termo, de uma ação política, Marcuse está defendendo uma “politização da energia erótica” (1999, p. 153).

O impulso para a condição de ausência de dor, para a pacificação da existência, procuraria a satisfação no cuidado em proteger as coisas vivas. Encontraria satisfação na retomada e na restauração do meio ambiente, e na restauração da natureza, tanto interna quanto externa aos seres

humanos (MARCUSE, 1999, p. 152).

A estrutura de caráter radical tem Eros como o seu veículo propulsor. E essa estrutura será responsável por uma nova relação com o mundo. A pacificação da existência seria alcançada, dentre outros, pela prevalência deste Eros agora definido de acordo com as atribuições da pulsão de morte, a saber, o desejo de uma existência pacificada e sem dor.

Essa inversão é um indicativo muito forte para, à guisa de conclusão, se ousar dizer que a abordagem dessas quatro perspectivas sob as quais o pensamento de Freud é apropriado pelo filósofo alemão deixa entrever que ele *faz um uso muito livre da psicanálise*. A estratégia de Marcuse consiste em historicizar a psicanálise, para coloca-la a serviço de seu interesse maior que é a questão da mudança social, a emancipação dos seres humanos de todas as formas desnecessárias de dominação. Esse interesse o leva a outros autores e deles Marcuse também extrai o que pode servir a seus propósitos. Essa forma de interlocução com a tradição, se por um lado enriquece a filosofia do autor, por outro o expõe à crítica tenaz dos defensores da ortodoxia. Deste lado, estão tanto críticas procedentes quanto improcedentes.¹⁵

Alguns comentadores mostram as limitações da apropriação marcuseana de Freud. Dentre as críticas procedentes, podem-se destacar as observações de Joel Whitebook, que sustenta ser fácil apontar um aspecto frágil do pensamento marcusiano no que se refere ao conceito de *Ananké*. Este conceito, reduzido drasticamente por Marcuse à ca-

¹⁵ Não é intuito dessa pesquisa mostrar críticas que considero improcedentes. Fixar-me-ei, portanto, em uma que considero pertinente.

rência material, tem em Freud um escopo mais amplo. Ele tem a ver com a “inevitável perda, dor física e morte” (WHITEBOOK, 2008, p. 124) e serve para mostrar o impacto da finitude da natureza humana, seu “desamparo e fraqueza, dos quais pensávamos ter escapado por meio do trabalho da civilização” (WHITEBOOK, 2008, p. 124 *apud* FREUD, 1975, V. XXI, p. 16). Não obstante toda riqueza social conquistada por meio do progresso tecnológico, haverá sempre o aspecto inelutável da nossa finitude, contra a qual estaremos sempre confrontados e que imprimirá no ser humano a sua marca. Essa *Ananké* é metafísica *par excellence*. Assim, ao tornar histórica sua leitura de Freud, Marcuse também incorreu no perigo de sucumbir ao mesmo tipo de crítica que fizera aos revisionistas. Porém, em vez de negar a teoria das pulsões, ele reduziu o conceito freudiano de carência ao aspecto unicamente material.

abstract: This article aims to explain the ways of Marcuse’s appropriation of Freud’s thought. It was divided in four topics which correspond to that I think to be his relationship with Psychoanalysis. It takes the following form: 1) Marcuse does the preemptory defense of orthodox Freud's interpretation against the critics of revisionism; 2) Psychoanalysis provides elements for the marcusean social theory; 3) Psychoanalysis contains elements that allow the critic of society and his culture; 4) It’s also used to discuss ecology and the radical defense of environment.

The topics 1 and 2 take part of Marcuse’s dialogue with Freud in the latest 50’s. The second topic is specific of his thought. The third topic is founded in a marcusean article from 1963. There is, also, a unique text in which Marcuse goes to Freud to sustain an ecological and radical politics. It’s discussed on the fourth topic. Marcuse is the only one within the Institute of Social Research to talk explicitly about ecology, although in isolated texts. This one that relates Freud and ecology was one of the latest from Marcuse and was published in 1977. And this association of Freud and ecology reinforces the specific character of his thought compared to other thinkers of the Institute of Social Research.

keywords: Marcuse, Freud, Critical Theory, Theory of social change, radical ecology

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. A psicanálise revisada. In: _____. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: EDUNESP, 2015, p.43-69.

FREUD, Sigmund. The future of an Illusion. In: _____. The Standard Edition of the Complete Psychological works of Sigmund Freud (SE). Tradução de J. Strachey. Londres: Hogarth Press, 1975, v. XXI.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: EDUNESP, 2015.

JAY, Martin. *A imaginação dialética*. Tradução de Vera Ribeiro; revisão da tradução de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

KELLNER, Douglas. *Herbert Marcuse and the Crisis of Marxism*. Los Angeles; Berkeley: University of California Press, 1984.

MARCUSE, Herbert. Algumas considerações sobre Aragon: arte e política na era totalitária. In: _____. *Tecnologia, guerra e fascismo*. Editado por Douglas Kellner. Tradução de Maria Cristina V. Borba. São Paulo: EDUNESP, 1999, 267-288.

_____. Crítica do revisionismo neofreudiano. In: _____. *Eros e civilização*. 8. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara & Koogan, 1981a, p.205-232.

_____. Ecologia e crítica da sociedade moderna. In: _____. *A grande recusa hoje*. Tradução de Robespierre de Oliveira. Organização de Isabel Loureiro. Petrópolis: Vozes, 1999, p.143-154.

_____. *Eros e civilização*. 8. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara & Koogan, 1981b.

_____. *O homem unidimensional*. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

_____. A noção de progresso à luz da psicanálise. In: _____. *Cultura e psicanálise*. Tradução de Isabel Loureiro. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p.112-138.

_____. A obsolescência da psicanálise. In: _____. *Cultura e sociedade*. Tradução de Isabel Loureiro. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p.91-111.

_____. Teoria e terapia em Freud. Tradução de Luís Gustavo Guadalupe Silveira. (mimeo) Uberlândia: s.nt. A ser editada pela EDUFU. Tradução a partir do original *Theory and therapy in Freud*. In: _____. *Philosophy, Psychoanalysis and Emancipation*. Edited by Douglas Kellner and Clayton Pierce. Londres; Nova Iorque: Routledge, 2011, p.106-109. (*Collected Papers of Herbert Marcuse*, 6)

_____. *Trieblehre und Freiheit*. In: _____. *Psychoanalyse und Politik*. Frankfurt: Europäische Verlangsanstalt, 1968, s.5-34.

ROBINSON, Paul A. *A esquerda freudiana: Wilhelm Reich, Geza Roheim, Herbert Marcuse*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

ROUANET, Sérgio P. *Teoria Crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

SULLIVAN, Harry Stack. *Conceptions of Modern Psychiatry*. Washington: Willian Alanson White Psychiatry Foundation, 1947.

WHITEBOOK, Joel. A união de Marx e Freud: a teoria crítica e a psicanálise. In: RUSH, Fred (org.). *Teoria crítica*. Tradução de Beatriz Katinsky e Regina A. Rebollo. Aparecida: Ideias & Letras, 2008, p.105-134.